



4. EPISTEMOLOGIA DA PLURIDIVERSIDADE: UM NOVO CONHECIMENTO PARA JOVENS LATINO-AMERICANOS

SESSÃO - 01

*Flávia Virgínia**

Resumo

O que acontecerá com nosso país/nossa sociedade quando alguém quiser explorar um tema na universidade que só possa ser estudado em Latino-América? É com base nessa pergunta que proponho a busca de um conhecimento próprio, endo-referenciado, na mais plena confiança na nossa pluridiversidade que não conforma um só povo, mas antes congrega todos os nossos através dos mesmos temas; na nossa cosmogonia originada do múltiplo e tornada possível pelo diálogo; na nossa maneira de conduzir em que o líder é veículo e relação, transmissor e laço. Como será, em outras palavras, uma Latino-América que produza sua própria forma de conhecer, suas categorias de conhecimento, e que se reporte a um projeto de si mesma não-binário, portanto não-excludente e, acima de tudo, não-superpotente? Talvez esteja no destino histórico de Latino-América, até porque berço da civilização moderna, consagrar uma era em que não prevaleça a comoditização dos conhecimentos.

Palavras-chave: epistemologia; pluridiversidade; conhecimento

Resumen

¿Qué pasará con nuestro país/nuestra sociedad cuando alguien quiera explorar un tema en la universidad que pueda ser estudiado únicamente en Latinoamérica? Basada en esta pregunta propongo la busca de un conocimiento propio, endo-referenciado, en la máxima confianza en nuestra pluridiversidad que no conforma un solo pueblo, sino congrega a todos los nuestros a través de los mismos temas; en nuestra cosmogonía originada del múltiple y tornada posible por el diálogo; en nuestra manera de conducir en la cual el líder es vehículo y relación, trasmisor y lazo. ¿Como será, en otras palabras, una Latinoamérica que produzca su propia forma de conocer, sus categorías de conocimiento y que se reporte a un proyecto de sí misma no-binario, por lo tanto no-excluyente, y, por encima de todo, no-superpotente? Tal vez esté en el destino histórico de Latinoamérica, hasta porque es cuna de la civilización moderna, consagrar una era en la que no prevalezca la comoditización de los conocimientos.

Palabras clave: epistemología; pluridiversidad; conocimiento

* Cantora, compositora e escritora, especialista em Logoteoria Aplicada à Educação e graduanda em Filosofia pelo Ceuclar (Centro Universitário Claretiano).



Cultura, Educação e Difusão Cultural

1. Aqui começaremos a antiga história chamada¹ América. Aqui escreveremos, começaremos o antigo relato do princípio, da origem, de tudo o que fizeram na cidade América os homens da tribo América, mais os homens da tribo Europa, mais os homens da tribo África. A cada um, lhe nomearemos conforme seu local de procedência, para que não se extraíam daí subsídios para a inferiorização de uns por outros em nome de raças ou etnias, mas antes, respeito pela cultura e individualidade de suas personalidades humanas.
2. No princípio existia o múltiplo e os espíritos se puseram a dialogar para formar a terra. Discutiram, consensualizaram, escolheram. Os homens desta cidade América nasceram da alteridade e da multiplicidade destas escolhas. Também os homens da cidade África que para cá vieram são filhos de muitos deuses, e partilham entre si essa origem, mesmo quando diversíssimos em cultura. Os homens da cidade Europa se entenderam como fruto da vontade de um só deus através de um único casal. Mas, sempre, no princípio, a terra era vazia. Talvez esse princípio fosse o próprio espírito da criação que, para os homens das três cidades, é uno e, por fim, resolveu criar homens e deuses, planetas e vida. Este é o primeiro livro, pintado outrora, mas sua face está hoje oculta ao que vê, ao pensador².
3. O livro que queremos escrever não fala da invasão da América, do sistema-mundo, de modernidade/colonialidade. Não é, provavelmente, o conselho dos chefes³; talvez seja a sugestão dos jovens. Nosso livro ainda não foi escrito e este é um esboço do desejo de que ele venha e existir um dia: o nascimento de Latino-América não está completo sem que este livro exista. Os americanos, através de suas visões, deixaram relatos de quinhentos anos de dor para sua gente seguidos de quinhentos anos de glória. Se aproxima este momento da glória. Queremos crer que podemos fazer parte dele, com a nossa vontade – aquela mesma que nos ensinaram também os chefes americanos. Queremos escrever o livro do conhecimento latino-americano.
4. Então o primeiro conceito do livro é o de que nós, frutos dos homens dessas três cidades, não encerramos questões. Isso não nos é possível. Queremos saber o que sabem os europeus, é certo, mas queremos também definir nossas próprias categorias de conhecimento, para isso, muito provavelmente tendo





que deixar um pouco de lado aquilo que aprendemos como filhos de europeus. Não é tarefa fácil, mas temos do nosso lado um cabedal de sabedoria viva ainda bastante intocada. Nos estimula também saber que a era em que globalmente adentramos – e pela primeira vez podemos falar a sério em “globalmente” – é a era da rede, quando nossos xamãs americanos tanto nos ensinaram que a sua chefia residia precisamente no poder de multiplicação de conexões e, ao mesmo tempo, na descentralização da figura do autor/criador. Assim mesmo se fará na sociedade de redes.

5. O não-encerramento nos advém porque a esses mundos aparentemente intangíveis dos homens de América e de África que nos perfazem juntamos os outros mundos da razão, do tudo compreender, do criar vidas em laboratório, do categorizar toda sorte de coisas, a serviço do dominar, manipular, reproduzir, para o bem e para o mal. Assim, cremos em espíritos e em remédios de farmacêuticos, simultaneamente. Usamos o celular para mandar mensagens, vídeos e fotos e abraçamos a árvore para descarregar o peso da vida difícil que levamos. Com a leveza de um latino-americano, tudo isso podemos.

6. E vão se chegando cada vez mais perto as idéias do xamã e do técnico em TI. A virtualidade real que vivemos e viveremos cada vez mais intensamente tem similitudes com aquela que o xamã nos descreve – estar lá e aqui ao mesmo tempo. E nós temos isso no nosso próprio DNA, porque somos europeus, somos americanos, somos africanos. Assim, qualquer leitura da vida latino-americana deve seguir uma não-canonização, porque a idéia mesma da canonização (crítica literária, nomeação dos povos, delimitação de terras) é contrária às civilizações com as quais queremos nos comunicar.

7. Portanto, as categorias são o segundo conceito que apresentamos. Se não criarmos categorias próprias, não nos apropriaremos do seu significado, da sua leitura, da sua serventia. É melhor entender, por exemplo, nossa expressão verbal como artes verbais que tentar enquadrar sua produção em esquemas literários desenvolvidos pelos europeus, a não ser que lhes queiramos ser eternamente tributários, o que se revela desnecessário. Mas para isso é preciso desvelar uma outra estrutura conceitual, ela mesma mais afeita à virtualidade que a materiais pesados como o chumbo histórico que viemos carregando.





8. Nossa terceira proposta diz que o marco latino-americano é temático. Exponhamos os movimentos históricos pela ótica dos fenômenos culturais, estudando os momentos concretos das nossas sociedades. Daí serão colhidas as categorias de entendimento, as divisões arqueológicas; daí sairá a leitura sociológica, se é que serão essas as fatias resultantes. Nossa organização pode ser bem outra, quiçá uma rede de outras – Latino-América é fruto sintético, não analítico. A pesquisar.

9. A idéia de se contrapor à história cabe porque Latino-América, em sua conformação como tal, não produziu propositadamente o “progresso”, nem os traços que o identificam, mesmo tendo sido o berço da civilização moderna, aliás, berço e motivo – espaço e tempo inaugural, dirá Quijano: primeira entidade/identidade histórica do atual sistema-mundo colonial/moderno⁴. Aqui a palavra *colonial* interessa porque, do ponto de vista cultural, Latino-América ainda não se descolonializou e este também é um tema nosso: utilizar, para dita descolonialização, um veículo autóctone – nosso conhecimento próprio.

10. Mas claro, fica a pergunta sobre

porque não terá se descolonializado; talvez melhor ainda: *como* não se descolonializou, em que aspectos e por quais razões – e nos aventuramos então a dizer que desconheceu a força desconstrutora das heranças americana e africana, para começar, que partem de um código cosmogônico que se antagoniza ao do europeu, fazendo uso, portanto, de meios diversos para chegar a finalidades completamente outras.

11. É também neste sentido que figura hoje, e com alegria aceitamos, a educação como nova arena política, uma vez que a política mesma estará obrigada a fazer uma transição no sentido ideologias (ligadas a grandes temas e tendendo para o abstrato) > caos (decorrente da perda de fé no cumprimento dessas ideologias) > concretudes de projetos. A nossa está posta.

Justificativa

Uma região evoluída (segundo os padrões do sistema-mundo atual) precisa ser:

- proprietária dos meios de produção;
- avaliadora do valor da sua força de trabalho;
- fiduciária do seu conhecimento.





Epistemologia

Levando-se em consideração tanto o sermos também europeus quanto o aprendermos com a própria história, vemos que uma das questões da modernidade/colonialidade é exercitar o poder para constituir o poder. Também é esse o pressuposto de uma *Epistemologia da Pluridiversidade*: buscar o conhecimento sem se referenciar àquilo que não tem como, por sua conformação “biológica”, servir de referência. Como ilustração, podemos citar que nas instâncias práticas da busca pelo saber, praticamente só os títulos adquiridos no exterior é que costumam receber os melhores prêmios na vida laboral, para não mencionar que os brasileiros e os hispano-falantes se lêem uns aos outros, majoritariamente, em inglês. Podemos ainda acrescentar que a necessidade do comércio acadêmico de constantes publicações preferencialmente estrangeiras não só não acrescenta em qualidade como constrange a pesquisa mesma.

Há uma forte influência da forma de conhecer no instrumento de conhecimento; por exemplo, será que as escritas ainda não decifradas não devem sua incomunicabilidade pelo fato de servir a outro propósito, ou ser fruto de outra coisa, impulsionada pela forma de conhecer dos povos que as criaram, diferente da que estamos habituados? Poderíamos imaginar que não necessariamente todas

as escritas devem registrar palavras por meio de símbolos; quem sabe escrever era também materializar ritos sagrados, conexões paranormais, adentrar novos modos de percepção mas sem a passagem pela ressignificação textual, etc.

Permitindo-se a dúvida sobre o absolutismo da mãe-ciência, é possível que caibam nesses buracos as cosmovisões americana e africana. Talvez seja nesse sentido que se deva entender a preferência das religiões bantu por oferendas aos seus deuses que levam óleo (em geral o de dendê) e mel, demonstrando assim um claro conhecimento dos lipídios e glicídios que perfazem a estrutura do organismo vivo. Outro exemplo seria a sempre presente reverência americana às quatro direções e a questão das mudanças de eixo da Terra como tema principal dos nossos dias; a conexão estaria no reconhecimento do “espírito” das direções, o que pode ser traduzido como o deslocamento do eixo, algo que o conhecimento europeu não se sabia há algumas gerações.

Meta-epistemologia

Algumas características dessa identidade plurifacetada:

- outras noções espaço-tempo e conseqüentes construções de cosmovisão – alguns exemplos:





Cultura, Educação e Difusão Cultural

- o binômio seca-cheia determinando toda a questão espaço-temporal, incidindo, naturalmente, no comportamento;
- o o futuro está naquele que morreu, o meu ancestral, pois esse é o destino de todos nós; o futuro, portanto, é aquilo que conheço; o passado, o que eu fui, me é desconhecido, visto que estou em mutação constante;

- cosmogonia do múltiplo levando sempre ao dialógico, ao consenso, à participação, à vida comunitária.
- o desenvolvimento pessoal como centro da vida humana gera outros contornos que não os do incremento dos lucros, mas os da ampliação das escolhas que propiciam identidade cultural, educação, saúde, liberdade política, participação comunitária, segurança ambiental, enfim, bem-estar humano e planetário.

Pluridiversidade é a palavra escolhida para representar Latino-América porque não somos um só povo com características diversas ou com inclusões históricas, como seria, para exemplificar, o caso da Alemanha com os turcos: nós somos alemães e nossa diversidade inclui a vinda de turcos para o nosso país. Latino-América é um conglomerado de diversidades que *não pode*, e não con-

forma, um só povo, mas antes uma rede de línguas, civilizações e sonhos que se interligam numa conformação histórico/espacial.

Eurocentrismo, Eupolitismo e Sistema-Mundo

A princípio, vamos interpretar esses três termos como o arcabouço da construção de uma linguagem que tem criado mapas rígidos:

- Eurocentrismo (ocidentalismo): auto-empoderamento para produzir uma concepção de mundo hegemônica a partir da definição dos conceitos de:
 - o conhecimento
 - o poder
 - o o Outro
- Eupolitismo: designa gráficos geo-intelectuais como constructo do discurso político da supremacia “egopéia” (aos quais chama, naturalmente, cosmopolitismo, advogando para si a capacidade de entender todo o planeta, isto é, instituindo categorias pseudo-universais);
- Sistema-mundo: afora a criação do mundo-sistema, cuja conseqüência mais palpável é a modernidade (díade modernidade/colonialidade), sobressai-se como marca (quase)





indelével a colonialidade do relato histórico, que se traduz em colonialidade cultural, vivenciada por latino-americanos de todo o continente a diário e por séculos, já;

O Ocidentalismo como sistema filosófico tem como principal atribuição naturalizar as representações advindas da relação de superioridade/inferioridade, utilizando-se de meios em todo o espectro de atuação, começando por desagregar histórias (c. 1500) e terminando por comprar terras com lençóis freáticos abundantes (c. 2010) nos países do nosso continente⁵.

Estados Unidos da América do Norte

Por identidade, tomamos aquilo que nos permite ser e concomitantemente crescer para além daquilo mesmo. A questão latino-americana é identitária. A diferença entre nós e os EUA é que eles fecharam essa questão há vários anos, baseados fortemente, para isso, na forma européia. Até podemos arriscar dizer que não se permitiram correr riscos nesse sentido. James Cameron, entretanto, sabe disso quando diz, por meio do protagonista no filme Avatar: “não vamos conseguir tirá-los de lá. Aquele é o seu lar, é tudo o que eles conhecem, amam e veneram. O que temos para lhes oferecer, uma grade de cerveja?”

Mas nem por isso nos deixaremos

enganar e ignoraremos os latino-americanos que vivem naquelas terras hoje, um número que tem aumentado escandalosamente: dez milhões em 1970, quarenta e sete milhões em 2010 e uma projeção de cento e dois milhões para 2050⁶. Tudo isso torna os Estados Unidos uma nova maneira de ser um país latino-americano, com categorias bastante próprias, também a investigar.

Alteridade

Cremos que a possibilidade de apresentar ao mundo um outro quadro advirá de Latino-América, aquela que é capaz de dissolver o tema do Outro, por ser, ela própria, um amálgama de Outros. O outro latino-americano é referencial, não-binário, não-excludente e não-superpotente. Notar, entretanto, que não falamos em uno, includente e/ou fraco/forte.

Ética e política

É só na plenitude de um conhecimento próprio latino-americano que a “questão indígena” pode deitar em berço esplêndido, porque este conhecimento abarcará necessariamente a cosmovisão americana, o que permitirá não apenas a inserção dos seus descendentes no processo de educação “ocidental” (se tivermos a cara-de-pau de dizer isso assim), mas, de maneira inversa, inserirá os ocidentalizados que somos nós mesmos





Cultura, Educação e Difusão Cultural

no universo americano sem a necessidade de uma tradução que não faz jus nem a um nem a outro. Por fim, pode servir lembrar que o americano precisa não de soberania, até porque o conceito de Estado-nação não tem lugar privilegiado no seu olhar; precisa antes de autonomia.

Também vale recordar que em nossas terras existiram múltiplas formas de organização social, em muitos casos prevalecendo o consenso da comunidade que, com um gesto simples como a passagem do bastão⁷, permitia a voz a todos os membros porque, *de facto*, tratava-se de uma organização comum. Em outras ocasiões, houve também sociedades sem Estado, assim organizados de acordo com suas circunstâncias históricas, e que, no entanto, partilhavam igualmente de um senso de pertencimento a uma comunidade, para incompreensão total e subsequente desespero da mentalidade que a tudo quer unificar.

Exemplos vivos de hoje

- Mestres da Cultura do Brasil: elevadas à categoria de/relidas como patrimônio imaterial pelo Ministério da Cultura, podem chegar a receber um valor do governo por serviços prestados à comunidade. Suas categorias:
 - o das Mãos (artesãos, bordadeiras, gravadores, etc.);

- o do Corpo (dança, teatro e performances tradicionais);
- o do Sagrado (penitentes, rezadeiras, profetas da chuva, entre outros);
- o do Som (músicos, instrumentistas, luthiers);
- o da Oralidade (contadores de história, poetas, cordelistas e repentistas)⁸.

- o *sonho* dos americanos, eternizado nos escritos de Carlos Casteñeda, mostrando uma visão do fenômeno do sonho totalmente diferente da perspectiva das ciências psico e neurológicas;
- as diversas formas de mudança de estado anímico, também descritas no mesmo material, que “curiosamente” ganham reconhecimento em nossas sociedades apenas quando importadas do Oriente na forma de meditação e/ou artes marciais;
- a dupla biodiversidade-biopirataria ganhando amplitude de consciência na mentalidade americana – por exemplo, a um americano pareceria ridículo patentear um genoma, e estamos aqui no campo da Ética.

Perguntas

- como conciliamos crença (e participação efetiva, tanto via América quanto via África) em mundos paralelos à visão materialista e imedia-





Cultura, Educação e Difusão Cultural

- tista?
- sobre o nosso DNA epistemológico: o que configura Latino-América independente do sistema-mundo modernidade/colonialidade?
 - no que consiste a concepção de mundo latino-americana? Seja qual for a resposta, conversa não com os países individualmente, mas com *as pessoas* da sua comunidade, estejam elas onde estiverem – a questão é de identidade/identificação;
 - que critério de conhecimento cai melhor a Latino-América: endo ou exodefinição (ainda que endo signifique, pelo menos por ora, indefinido)?
 - quando/como categorizaremos nossas formas de violência?
 - e os americanos que cometem suicídio, muitos baseados em um entendimento sobre a vida e a morte em que elas se complementam e, portanto, não podem ser polarizadas? Como lê-los?

humana e que no-la afirma é a instância da Terra mesma.

Assim, terminar com a colonialidade cultural demanda substituir o absolutismo do conhecimento europeu pela maleabilidade e poder de síntese do nosso, ainda que dentro dessas faculdades esteja também assentada a indefinição que nos caracteriza, com avanços e retrocessos e, acima de tudo, com a abertura de uma espiral. Num sonho... construir o conhecimento não para que ele tenha valor de compra e venda, mas para que ele possa democratizar a existência no planeta...

Por último, uma revolução também é uma maneira de fazer ponte entre as muitas pessoas de um território; uma independência é um jeito final de assumir escolhas pelo próprio destino histórico.

Conclusão

Por fim, só há política, economia, conhecimento, graças ao ser humano. Com efeito, existe apenas uma coisa no planeta que supera a instância humana. E é também a observação de dito fenômeno o que nos dá a certeza de que trabalhar pelo humano é a única possibilidade real de evolução, ou melhor, de convergência das evoluções⁹. A instância que supera a



Referências bibliográficas

- CASTAÑEDA, Carlos. *O Presente da Águia*. Rio de Janeiro: Record, 1981
- CASTELLS, Manuel. *O Poder da Identidade*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2009
- ESCOBAR, Arturo. *Mundos y Conoci-*





mientos de Otro Modo: el programa de investigación modernidad/colonialidad latinoamericano. Bogotá: Tabula Rasa, 2003

POPOL-VUH. Buenos Aires: Losada, 2008

QUIJANO, Aníbal. *Dom Quixote e os Moinhos de vento na América Latina* in: *Revista de Estudos Avançados*. São Paulo, n.55, 2005.

_____. *Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina* in: LEHER, R.; SE-TÚBAL, Mariana (Orgs.). *Pensamiento Crítico y Movimientos Sociales*. São Paulo: Cortez Editora, 2005.

RAMA, Angel. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008

ROSSI, Juan José. *Los Alakaluf*. Buenos Aires: Galerna, 2007

VERGER, Pierre Fatumbi. *Os Orixás*. Salvador: Corrupio, 2002

Webgrafia

CORONIL, Fernando. *El Estado Mágico y Occidentalismo*. <http://www.cholonautas.edu.pe>. Acesso: Fevereiro/2010

MINISTÉRIO DA CULTURA
<http://www.cultura.gov.br/site/2010/02/12/mestres-da-cultura-popular-reunem-se-para-encontro/>. Acesso: Março/2010

PATEL, Raj. *The Value of Nothing*. London: LSE, 2009 [palestra]

USA CENSUS BUREAU
http://www.census.gov/population/www/socdemo/hispanic/hispanic_pop_presentation.html. Acesso: Março/2010

Notas

¹ Popol Vuh, 2008, pag. 15 (tradução nossa)

² idem, pag. 17

³ Tradução aproximada de “Popol Vuh”

⁴ Quijano, 2005, pag. 22

⁵ Patel, 2009

⁶ Census Bureau, 2010

⁷ Muitos americanos cultivam até hoje a prática de se reunir em roda e dar a vez a cada membro que esteja segurando um bastão, que representa exatamente a voz ativa, a voz que fala e que todos se calam para ouvir e reverenciar.

⁸ Ministério da Cultura, 2010

⁹ Estado em que os desenvolvimentos nas diversas áreas têm como limite o que é bom para os seres humanos numa dinâmica em espiral para cima e para baixo: bom para as pessoas daquela região, visando as das regiões vizinhas; bom naquele tempo, mirando os tempos vindouros.

